

Título

Gênesis dilacerado

Autor

André Sathler Guimarães

Local de publicação

Estado de Minas (como carta do leitor)

Gênesis Dilacerado

Pela primeira vez em sua carreira, Sebastião Salgado deixou de fotografar pessoas para registrar paisagens inóspitas e animais selvagens em seus próprios ambientes, série que foi reunida em uma exposição chamada Gênesis. Uma mudança em princípio radical.

Com seus tons de preto, branco e cinza, o fotógrafo nos presentearia com belíssimas paisagens e instantâneos de animais. A série de fotos com o oceano revelam nuances inauditas, com a água transmutando-se em pedra e areia, e a carne estatualizando-se, pétrea, ficando um sutil e subreptício alerta para a possibilidade de irmos a ver alguns de nossos companheiros de planeta apenas como peças em museus...

No rastro da erupção de um vulcão, a destruição que deixa a superfície do planeta com um aspecto lunar, irrompida apenas por um corajoso cactus, mostrando a resistência e renovação da vida após os ciclos de destruição da própria natureza. Um cactus solitário, no meio de uma planície deformada de restos vulcânicos, mostrando, todavia, que a capacidade de renovação e superação da natureza tem sim seus limites e que esses podem ser superados pelo ritmo de destruição peculiar de nossa espécie.

Nos seus flagrantes de animais, revelam-se as vidas que se escondem nas brechas das paisagens abstratas, aquelas ainda não alcançadas pelo toque aculturador do homem, que ao se desprender da natureza pretende renegá-la, como se isso fosse possível e a natureza não fizesse parte integrante do que somos.

Para as paisagens, o artista escolheu locais que chamam a atenção justamente por ainda não terem chamado a atenção – esta inquieta e faminta faculdade do homem, que transforma tudo sobre o que recai. Atenção que representa, simboliza, e talvez por simbolizar tudo, se apegue mais aos símbolos do que às coisas simbolizadas, esquecendo-se da relação vital entre um e outro. Completamente estéril seria um mundo só de símbolos, como já deixam entrever as pradarias da realidade virtual.

Afinal de contas, talvez a mudança no trabalho de Sebastião Salgado não tenha sido assim tão radical. O artista continua retratando a miséria humana.